



Dimensões Educativas na Coletividade: Reflexões das Atividades Coletivas no Quilombo

Educational dimensions in the community: reflections on collective activities in the Quilombo

Robberth Luiz Nogueira da Costa

Universidade Federal do Oeste do Pará, 0009-0002-7549-9216,
roberthnogueiramd@gmail.com

Resumo

A pesquisa em questão tem como objetivo relatar a experiência das dimensões educativas presentes nas atividades coletivas do Quilombo Pacoval, localizado no município de Alenquer no Estado do Pará. O relato de experiência foi efetivado a partir de uma abordagem metodológica qualitativa e, para a coleta/construção de dados, empregamos as entrevistas semiestruturadas, as conversas informais, o caderno de campo, a observação e a análise de imagens. Desta forma, para a realização das análises, utilizamos a história oral e a memória dos participantes, para entendermos de que maneira essas dimensões estão presentes na forma de organizar essas manifestações, como acontece o repasse desses elementos educacionais e como estes estão inseridos na educação escolar quilombola da comunidade. Conclui-se que as dimensões educativas estão sim presentes nas manifestações culturais e nas mais diversas formas de *repass*e de conhecimento, de socialização.

Palavras-chave: Educação; Puxiruns; Repasse; Coletividade.

Abstract

The research in question aims to report the experience of the educational dimensions present in the collective activities of Quilombo Pacoval, located in the municipality of Alenquer in the State of Pará. The experience report was carried out from a qualitative methodological approach and, for the collection/ data construction, we used semi-structured interviews, informal conversations, the field notebook, observation and analysis of images. In this way, to carry out the analyses, we used the oral history and memory of the participants, to understand how these dimensions are present in the way of organizing these manifestations, how the transfer of these educational elements happens and how they are inserted in school education. community quilombola. It is concluded that the educational dimensions are indeed present in cultural manifestations and in the most diverse forms of passing on knowledge, of socialization.

Keywords: Education; Puxiruns; Transfer; Collectivity.



1 Introdução

A comunidade de Pacoval é composta por remanescentes de quilombo e foi oficialmente reconhecida através de título de terra quilombola. Localizada às margens esquerdas do Rio Curuá, a 58 km da cidade de Alenquer, no oeste do Pará, na região amazônica. O Quilombo Pacoval abriga cerca de 1.000 habitantes, distribuídos em aproximadamente 270 famílias¹. As principais atividades econômicas incluem a agricultura familiar, a coleta de castanha do Pará, cumaru e açaí, além da pesca e pequenas criações de gado². Além de pequenos comércios que movimentam a economia da região. Ressalta-se que muitas famílias na comunidade dependem exclusivamente dos programas sociais do Governo Federal, como o Bolsa Família, atualmente denominado Auxílio Brasil, como fonte de renda fixa. A comunidade é grande produtora de produtos extrativistas como cumaru e castanha do Pará. Conhecida na região como a terra do Marambiré. Refúgio encontrado pelos negros fugidios das fazendas de Maria Macambira, do município de Santarém (FUNES, 1996).

Abordaremos nesta pesquisa a temática: “Dimensões educativas na coletividade: reflexões a partir das atividades em um quilombo”. Esse assunto é, para nós, de muita relevância, pois trata de costumes típicos de uma comunidade que aos poucos veem se perdendo e/ou adquirindo novas configurações diferentes da forma de como eram tratados em tempos atrás. Com o tempo, novas formas de socialização estão acontecendo e, com isso, muitas práticas de repasse dos costumes e fazeres do povo vão desaparecendo. Nesse sentido, entende-se que socialização faz parte da vida de todos os indivíduos desde o nascimento. A vivência no âmbito familiar colabora muito com a formação das diversas personalidades, e essa diversidade se deve a forma como se internaliza o aprendizado adquirido das pessoas que nos rodeiam. Segundo Berger e Luckman (2006), o processo de socialização é algo essencial para a construção das sociedades em distintos lugares, visto que este processo existe desde os primórdios da evolução do ser humano.

¹ Informações fornecidas pelo Sr. Roberto Carlos Nascimento Leitão, Agente de Saúde da Comunidade.

² Dados estabelecidos mediante levantamento próprio, visto que o autor é morador do lugar (professor).



Consideramos de suma importância abordar os saberes tradicionais nas manifestações culturais, pois se observa que os trabalhos comunitários fortalecem as relações da população com as heranças culturais presentes, fazem com que nasça um sentimento de valorização da cultura, além de revelar os costumes e fazeres dos povos amazônicos e afrodescendentes. Assim, fica evidente a necessidade de se conhecer, preservar e valorizar estas formas de trabalho. O conhecimento e saberes culturais presentes neste tipo de atividade colaboram para a manutenção da realização do espírito solidário e coletivo nas comunidades tradicionais. O que de alguma forma a identidade de um povo, a vivência, os saberes, revelam-se na forma da organização do trabalho coletivo.

Neste sentido, vale afirmar que abordar este tipo de temática, torna-se necessário para a contribuição nos estudos voltados a realidade amazônica, as práticas sociais de trabalho que são realizadas dentro deste grande emaranhado de vida, natureza, saberes, conflitos, que formam a região, colaboram para a compreensão destas sociedades que muito contribuem para a manutenção das riquezas amazônicas, as quais vão muito além da natureza.

Nesta pesquisa destacamos como os elementos educativos se apresentam nestes tipos de atividades tradicionais, de uma comunidade quilombola. Verificamos em *locus* como se dá o repasse destes ensinamentos que vem há anos sendo transmitidos de pais para filhos, configurando-se com isso um vasto campo de conhecimento sendo repassado no dia a dia da comunidade. Neste contexto, buscamos perceber como os fazeres e saberes são transmitidos aos moradores mais jovens através dos trabalhos coletivos, além de buscar conhecer: como é possível esta forma de trabalhos em conjunto ser capaz de repassar conhecimentos, educação?

Na comunidade de Pacoval, a prática de *puxirum*, mutirões realizados para a limpeza, plantio ou colheita de mandiocas, principalmente, para a fabricação da farinha, podemos dizer que é uma prática comum de “*ganhar dia*” ou “*trocar dia*” com outros comunitários; na construção ou cobertura de casas, no ato de colocar a “*bajara*” (pequena embarcação) no rio, entre outras. Neste momento de trabalho comunitário as trocas de conhecimentos, através de informalidade é garantida.



Para melhor compreensão sobre os termos “*ganhar dia*” e “*trocar dia*”, faz-se necessário melhor explicitar que durante o período de plantio, a família inteira se mobiliza para realizar a tarefa. Adultos, jovens e crianças participam dos *puxiruns*. As famílias marcam o dia da semana e convidam alguns vizinhos e parentes para juntos trabalharem na plantação ou limpeza. Durante o dia do trabalho, as tarefas são divididas entre os participantes: alguns limpam, outros cavam (fazem a cova ou *manicujá*), outros plantam e outros servem água. A alimentação é por conta do dono do *puxirum*, que já leva a refeição pronta para servir aos participantes. E estes, por sua vez, já têm garantida a participação dos donos do *puxirum* para a realização do seu trabalho que será agendado. Este é um exemplo das *trocas* ou *ganhos* de dia, que podem ser realizadas nas mais diversas tarefas, como dito anteriormente.

Neste contexto, o objetivo deste relato de experiência é explorar as dimensões educativas presentes nas atividades coletivas do Quilombo Pacoval, localizado no município de Alenquer no estado do Pará.

2 Metodologia

A presente pesquisa³ foi conduzida na comunidade quilombola de Pacoval, localizada no município de Alenquer, região Oeste do Estado do Pará. Esta comunidade histórica foi oficialmente reconhecida como Remanescente Quilombola, sendo a segunda a receber esse título no Brasil. Situada a aproximadamente 58 quilômetros do município de Alenquer – PA.

Esta pesquisa adotou uma abordagem do tipo relato de experiência, visto que o relacionamento intersubjetivo entre o pesquisador e os participantes desempenha um papel central na construção da compreensão necessária para o desenvolvimento deste estudo. O relato de experiência é definido, segundo UFJF (2007), como “um texto que

³ A pesquisa está em fase de conclusão e está sob a orientação do Professor Doutor Alan Augusto Ribeiro. Professor do Instituto de Ciências da Educação - (ICED-UFOPA). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOPA. título: Antropologia da Escola: um estudo insultos raciais entre estudantes de escolas públicas em Santarém. Tipo: INTERNO (3ª Renovação)



descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua atuação”. Os participantes desta pesquisa foram membros da comunidade quilombola de Pacoval, que desempenharam um papel ativo na partilha de seus saberes e experiências. Para a coleta de dados, foram empregados dois principais instrumentos: o diário de campo e dados imagéticos. O diário de campo foi mantido pelo pesquisador e serviu para registrar observações, reflexões e interações durante o período de estudo. Os dados imagéticos, como fotografias e vídeos, foram utilizados para complementar a compreensão visual do cotidiano, festas, atividades coletivas e outros aspectos relevantes da comunidade.

Todos os procedimentos desta pesquisa foram conduzidos com base em princípios éticos. Foi obtido consentimento informado de todos os participantes, garantindo sua plena compreensão do objetivo e procedimentos da pesquisa. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal do Oeste do Pará, sob o número do Parecer: 5.543.459 e CAAE: 57526522.5.0000.0171 e seguiu todas as orientações deste comitê para que se obtivesse resultados que não ultrapassem a barreira da ética e o compromisso com dados verídicos.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa uma vez que o foco estava na compreensão aprofundada das perspectivas e experiências dos participantes. Para coletar dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, conversas informais e rodas de conversa. Essas técnicas permitiram que os participantes compartilhassem narrativas detalhadas e contextuais sobre suas vivências e conhecimentos. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, entrevistou-se pessoas que vivenciaram e vivenciam a história da comunidade e que possuem interesse de falar sobre o tema abordado para, através de suas informações, possibilitarem a busca de respostas às questões levantadas, a partir da observação poderemos chegar a estas pessoas, através das conversas informais também poderemos alcançar estas fontes. Sobre os estudos qualitativos e a importância do pesquisador, Godoy (1995, p.62) destaca que:

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o



ambiente e a situação que está sendo estudada. [...] Para estes pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação e interpretação dos dados coletados.

Os dados coletados, como aponta Godoy (1995), têm um valor imensurável diante da metodologia adotada para a realização de tal pesquisa, pois foram estas informações que subsidiaram este trabalho e exerceram função importantíssima para a realização desta. Para Minayo (2004), por pesquisa qualitativa se compreende que:

[...] se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MYNAIO, 2004, p. 57).

Utilizando-se entrevistas semiestruturadas, conversas informais e rodas de conversa. Vale ressaltar a utilização de entrevistas semiestruturadas na pesquisa, pois se indicou o caminho para que os entrevistados pudessem, de maneira despretensiosa, porém seguindo uma espécie de roteiro prévio, mostrar-nos suas visões sobre a temática, de forma a fornecerem as informações de forma mais levemente possível.

Sobre os entrevistados, posso dizer que são pessoas que uma forte relação com a comunidade e vivenciam desde o nascimento os fazeres realizados na comunidade e, através de seus relatos, nos forneceram informações que mostraram a grande importância que exercem em sua vida a realização de trabalhos comunitários, por diversas vezes sem remuneração e que são maneiras de se ensinar através da prática cotidiana saberes que veem sendo repassados de geração a geração. Com relação a seleção das pessoas a serem entrevistadas Alberti (2004) pondera que:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participam, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2004, p.31-32)



Diante deste critério, alcancei pessoas que realmente puderam fornecer informações significativas para compreensão do que chamamos de *repasse*, que é a categoria nativa que explica um processo educativo ritual vindo dos mais velhos para os mais novos.

Para este trabalho, considerei as memórias das pessoas mais experientes da comunidade e também de jovens que vivem a realidade local. Homens e mulheres que vivenciaram e vivenciam os fazeres quilombolas desde a tenra idade até os dias atuais. Estas fontes me proporcionaram compreender a importância de tais manifestações culturais, sociais, religiosas e como estas memórias são de suma importância para toda comunidade quilombola e também para os estudos acadêmicos.

Através das narrativas e relatos das pessoas pesquisadas, buscou-se compreender como são vistas contemporaneamente as atividades de cunho colaborativo, no Quilombo Pacoval e, após a análise, realizou-se a verificação e sistematização dos dados trabalhados para que apontasse como os sujeitos do Pacoval percebem as dimensões educativas presentes nestas atividades coletivas. Além disso, buscou-se perceber como estas manifestações em si contribuem para a organização sociocultural da comunidade, como ocorre a construção cotidiana da simbologia presente desde a organização até o encerramento dos trabalhos em grupos – puxiruns - e, sobretudo, como os jovens e crianças da comunidade recebem ou não o repasse dos conhecimentos transmitidos durante a realização destas atividades.

Para tanto, o diário de campo foi um outro aliado na construção dos dados e na realização da pesquisa em si, pois nele estão contidas as observações do pesquisador diante dos mais diversos aspectos, nos quais através das entrevistas, poderiam deixar de serem notados. Será através das anotações do diário que se puderam considerar aspectos que estão muito além das falas dos entrevistados. Além do diário de campo, tivemos auxílio de dados imagéticos que também fazem parte da pesquisa, pois se entende que a visualização das pessoas entrevistadas, a preparação dos trabalhos coletivos, o cotidiano da comunidade, corroboram para melhor compreensão da pesquisa realizada.



Ao seguir esses princípios metodológicos, esta pesquisa busca não apenas explorar as dimensões educativas presentes nas atividades coletivas do Quilombo Pacoval, Alenquer-PA, mas também contribuir para um entendimento mais abrangente das interações entre educação, comunidade e preservação cultural dentro desse contexto específico.

3 Resultados e Discussões

As atividades tradicionais estão se tornando cada vez mais raras na organização do quilombo. Segundo relatos de um membro da comunidade durante uma conversa informal, na calçada do Barracão Comunitário - Plenária, em uma das reuniões realizadas na comunidade, “*cada vez mais as pessoas não querem mais realizar este tipo de trabalho, querem sim receber diárias*” – como se costuma chamar ao dia de trabalho de forma remunerada; segundo este morador, é cada vez menos frequente o trabalho em forma de *puxiruns*, pois devido à falta de trabalho e a necessidade de sustentar a família, dentre outros motivos, “o ganhar e trocar dia” estão ficando cada vez mais escassos.

Neste sentido, podemos dizer que uma grande forma de *repassé* de conhecimento fica ameaçada, pois, como já afirmamos, nestes momentos de trabalhos as trocas realizadas podem ficar ameaçadas pela ausência da realização desta forma de trabalho. O caráter coletivo que orienta a formação do povo quilombola e como garante o título de terra concedido aos moradores e seus descendentes, muda a medida em que mudam as relações de trabalho.

Tratam-se de manifestações culturais e religiosas que no decorrer do tempo, conforme relatos de comunitários, correm o risco de se perderem e, com isso, um número significativo de informações e conhecimentos sociais trazidas com elas, como tradições simbólicas, costumes dietéticos e mobilização sócio-políticas, além das dimensões educativas existentes nelas. Em outras palavras, há um processo de socialização que envolve estas manifestações culturais que parece estar em conflito. Ou seja, considerando que a socialização se dá por meio do aprendizado a partir de outros indivíduos, dos mais



velhos aos mais novos, de pais para filhos, com pessoas que fazem parte do mesmo contexto social, este possível conflito se revela na dificuldade de continuidade entre as gerações mais novas para a realização destas manifestações, mesmo que elas estejam inseridas e sendo realizadas descontinuamente nas mais diversas comunidades tradicionais⁴ do país. Vale registrar que socialização, portanto, é também entendida, de acordo com Berger e Luckman (2006), como um processo em que os seres humanos crescem dentro de um círculo social sempre limitado, sendo influenciados e influenciados pelas crenças manifestadas neste círculo.

Dentre os desafios que envolvem a realização desta pesquisa, destaco aqueles ligados ao fato de fazer parte do cotidiano dos sujeitos que são parte do escopo da análise. Isto é, existem sentimentos de pertença nutridos durante anos por mim, como um homem negro que passou a viver na comunidade participando da realização das atividades cotidianas do quilombo, aspectos estes que são vistos como ponto de extrema importância para a valorização e manutenção da cultura quilombola de Pacoval e não mais um impeditivo ou um obstáculo para atingir objetividade. De alguma forma, há uma responsabilidade neste processo, visto que a pesquisa científica ainda assim, demanda qualidade e objetividade científica.

Os trabalhos comunitários possuem forte presença no dia a dia do quilombo, as atividades coletivas fazem parte do cotidiano do Quilombo. A comunidade é mobilizada para realizar diversas atividades coletivas que fazem com que as trocas de conhecimento ocorram. Em todos estes *puxiruns*, há sempre a realização de um almoço comunitário, que é feito a partir de doações e coletas dos próprios moradores, e também de uma cachaça para animar e movimentar os participantes.

Um exemplo que pode ser apresentado acerca da coletividade na organização do quilombo é durante a preparação das festividades de santos. É constante a participação

4

A Política Nacional conceitua Povos e Comunidades Tradicionais no Art. 3º, Inciso I, como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de formação social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral, econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidos pela tradição”. (BRASIL,2007)



dos comunitários na festividade e ela se dá desde a organização do mastro, que é levantado no primeiro dia até o encerramento, com a festa do juiz do mastro no último dia, a exemplo do que ocorre na festa de Santa Luzia. Assim, é evidente a participação de pessoas de diferentes famílias e idades da comunidade na realização de vários elementos da festa, até a produção dos alimentos até a ornamentação. Organizar o mastro é tarefa do juiz da festa, mas este sozinho não seria capaz de realizá-lo. O mastro deve ser cortado na mata, trazido, geralmente de carroça de boi para a frente da igreja, próximo à ramada e em seguida enfeitado e içado. Estes enfeites aos quais me refiro, são folhas, galhos, ramos e frutas que fazem com que o mastro esteja pronto para ser levantado. E essa ornamentação é feita por pessoas que voluntariamente se oferecem para ajudar. É um trabalho considerado simples, porém que contém um grande significado: a continuidade da tradição, o aprendizado do ritual, o fazer.

Como aponta Brandão (2005, p.83) com relação aos mais diversos saberes, as trocas de conhecimentos ocorrem nos mais diversificados lugares:

[...] bem mais do que o simples adestramento dos animais com quem compartilhamos o planeta Terra. Aprendemos não apenas os saberes do mundo natural, mas as complexas teias de símbolos, de sentidos e significados que constituem o mundo da cultura. Quase tudo o que nós vivemos em nossas relações com as outras pessoas ou mesmo com o nosso mundo, como no próprio contato direto com a natureza, pode ser, também um momento de aprendizado. Podemos estar ou não conscientes disto, mas cada troca de palavras, cada toca de gestos, cada reciprocidade de saberes e de serviços com uma outra pessoa, costuma ser também um momento de aprendizagem. De uma para a outra, as pessoas se encontram, se conversam, dialogam, deixam passar de si mesmo à outra algo de suas palavras, de suas ideias, de seus saberes, de suas sensibilidades. Querendo ou não (mas é melhor estar querendo) estamos, no conviver com outros e com o mundo, nos ensinando e aprendendo.

Em síntese, buscou-se, nesse trabalho, apresentar como a realização dos trabalhos coletivos dentro do quilombo Pacoval *ensinam e educam* sua população. Assim como perceber nesta dinâmica de aprender-ensinar os processos de socialização do conhecimento que se dão em todos os momentos e em todos os lugares dentro e fora da comunidade quilombola e de maneira natural durante os momentos de lazer, cultura, trabalho e interação.



4 Considerações finais

O texto apresentado vem se constituindo de como os fazeres da comunidade estão presentes na vida dos quilombolas de Pacoval e como são inseridos no conhecimento formalizado, escolar. Conhecimentos estes que estão presentes nos mais diversos momentos da comunidade. Nos *puxiruns*, nas reuniões, nas conversas informais, nas aulas, nos clubes, nas igrejas, nas casas de farinha, nas festas de santo e nas danças como o Marambiré⁵.

A identidade coletiva de uma comunidade quilombola tem sua realização nas ações que são realizadas na escola, em seu cotidiano. Considerar as singularidades de uma população tradicional, quilombola como em questão, é manter viva as relações que estes povos estabelecem com a natureza, com sua religião, com seus costumes é considerar sua cosmovisão. Levar em conta a vivência quilombola frente aos desafios que se apresentam no cotidiano escolar é pensar essa população como protagonista de sua história e que participa do processo educativo, é poder adquirir conhecimentos em consonância aos conhecimentos que os próprios alunos já trazem consigo que são ensinados por seus avós, pais, tios, enfim pela comunidade em que vivem.

Neste contexto, a pesquisa demonstrou que as dimensões educativas estão sim presentes nos trabalhos comunitários coletivos, nas manifestações culturais e nas mais diversas formas de *repassé* de conhecimento, de socialização. E devem fazer parte do currículo escolar das escolas quilombolas, pois se percebe a preocupação, principalmente dos mais velhos, em manter as tradições vivas e a preocupação de *repassar* aos mais jovens o que aprenderam com seus pais, avós, bisavós. Contudo, observa-se uma diversidade na absorção desses conhecimentos entre os mais jovens da comunidade. Alguns revelam um engajamento ativo e uma participação efetiva nas atividades comunitárias, demonstrando uma assimilação profunda dos ensinamentos. Por outro lado,

⁵ Dança típica do Quilombo Pacoval. Artístico e Cultural do Estado do Pará.



outros parecem não demonstrar a mesma aderência ao conhecimento transmitido no contexto quilombola.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. Ed. Revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A Construção social da Realidade**. 26 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO JR, Luiz Antonio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p.83-92.

FUNES, Eurípedes. **Liberdade por um fio, história dos quilombos do Brasil**. In: *Nasci nas matas nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo amazonas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995a, p.57-63.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

UFFJ. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto ciências da vida. Departamento de Nutrição. **Instrutivo para elaboração de relato de experiência**. Governador Valadares – MG, 2007, 2p.